

# GRUPO CORPO

## onqotô

(estreia: 2005)

**Coreografia Rodrigo Pederneiras**

**Música Caetano Veloso e José Miguel Wisnik**

**Cenografia e Iluminação Paulo Pederneiras**

**Figurino Freusa Zechmeister**

(duração: 42 minutos)

A atribuição sub-reptícia da criação do Universo à cultura anglo-saxônica dominante contida na expressão Big-Bang, que dá nome à grande explosão primordial – a gênese cósmica ou cena de origem do Universo – , levou Caetano Veloso a pensar em escrever um ensaio sobre o tema e ocupou o centro de pelo menos uma entre tantas intermináveis conversas mantidas pelo compositor baiano, ao longo de trinta anos de amizade, com o ensaísta, compositor e professor de Literatura Brasileira na USP (Universidade de São Paulo) José Miguel Wisnik. O bate-papo sobre o princípio do mundo seria entrecortado por estrepitosas gargalhadas quando veio à lembrança de Wisnik uma assertiva enunciada pelo genial jornalista e dramaturgo pernambucano Nelson Rodrigues (1912-1980) em depoimento sobre a clássica rivalidade entre dois times cariocas de futebol: “O Fla-Flu começou quarenta minutos antes do nada”. Ou seja, sob este bem-humorado prisma rodrigueano, o Cosmos teria sido “concebido” sob o signo indelével da brasilidade.

...

e

o

**sopro  
divino  
criador  
cantou  
fla-flu  
faça**

-

se

a

luz

...

e

expulsou  
o  
universo  
do  
universo  
um

(Caetano Veloso e José Miguel Wisnik)

Quando, em 2003, o GRUPO CORPO propôs a Caetano Veloso e José Miguel Wisnik que criassem juntos a trilha do balé que celebraria, em 2005, os 30 anos de atividade da companhia, os dois não pestanejaram. Estava ali, “ululando” (como diria Nelson) naquele ponto suspenso da conversa, entre a explosão e o nada, o mote perfeito para a gestação da trilha. A este “sopro divino criador” veio somar-se a grande questão metafísica que atormenta a espécie humana desde que o mundo é mundo, ou por outra, desde que Homem é Homem: sua perplexidade diante da vastidão misteriosa e indizível que é o Universo.

**Onde pode acolher-se um fraco humano,  
Onde terá segura a curta vida,  
Que não se arme e se indigne o Céu sereno  
Contra um bicho da terra tão pequeno?**

(Versos de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, musicada por Caetano Veloso)

A idéia estabelecia um fio condutor e tanto para a construção de um espetáculo e está claro que a equipe de criação do Grupo CORPO não hesitou em abraçá-la.

ONQOTÔ, corruptela de uma das indagações existenciais que permeiam a criação da trilha e do espetáculo como um todo – “Onde que eu estou?”, “Para onde que eu vou?”, “Quem que eu sou?”; ou, em mineirês castiço, “Onqotô?”, “Pronqovô”, “Qemqosô?”. – batizou o balé de contornos metafísicos que marca as três décadas de vida do GRUPO CORPO.

## Big-Bang e Fla-flu, Candeal e Camões

Com 42 minutos de duração, a trilha composta por Caetano Veloso e José Miguel Wisnik para ONQOTÔ, e produzida por Alê Siqueira, estabelece uma sucessão de diálogos musicais e poéticos em torno das “cenas de origem” eleitas por seus criadores (Big-Bang e Fla-Flu) e do sentimento de desamparo inerente à condição humana, em virtude de sua inexorável pequenez diante da infinitude do Universo.

**Na oração, que desaterra.....a terra,  
Quer Deus que a quem está o cuidado.....dado,  
Pregue que a vida é emprestado.....estado,  
Mistérios mil que desenterra.....enterra.**

(José Miguel Wisnik sobre soneto de Gregório de Matos)

Gravados em grande parte no estúdio Ilha dos Sapos, montado por Carlinhos Brown no bairro do Candeal, em Salvador, e complementados no YB, na capital paulista, os nove temas que compõem a trilha combinam o vigor das percussões características do Candeal, com múltiplas vozes sobrepostas e intervenções de piano, guitarra elétrica, contrabaixo, acordeom, flautas e cordas, alternando momentos eminentemente rítmicos e/ou timbrísticos com canções melódicas e impregnadas de lirismo. A contraposição entre o rítmico e o melódico, que marca a identidade sonora da trilha, encontra sua mais perfeita tradução nas luxuosas e contrastantes participações do grupo Hip-Hop Roots, do Candeal, que atua na parte final, e da *não*-cantora Greice, que, como “alguém cantando longe daqui”, sola com virtuosismo inato uma das canções.

A cinco temas escritos a quatro mãos, os autores juntaram quatro canções criadas separadamente, duas das quais parcerias póstumas com poetas seminais da língua portuguesa. Caetano Veloso musicou meia estrofe de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, o grande poema épico seiscentista do cancionero português, e, José Miguel Wisnik, um soneto barroco do século XVII, de autoria do poeta baiano Gregório de Matos. Enquanto Wisnik interpreta *Madre Deus*, de Caetano, especialmente composta, Caetano faz uma releitura de *Pesar do Mundo*, de Wisnik e

Paulo das Neves, gravada originalmente no primeiro disco do compositor paulista, de 1993, e incorporada à trilha por transpirar esse “sentimento do mundo” que perpassa todo o espetáculo.

...  
**pesar de tudo  
pesar do peso  
pesar do mundo  
sobre si mesmo**

...  
(José Miguel Wisnik e Paulo Neves)

## **Entre o chão e o nada**

De temperatura e densidade altas, como a bola de fogo primordial, *ONQOTÔ* é talvez o balé com mais incidência de movimentos de chão entre os criados por Rodrigo Pederneiras. Como quem busca na mãe-terra o próprio eixo ou uma resposta às indagações que dimanam das intervenções poéticas de Caetano, Wisnik, Neves, Camões e Gregório de Matos, o corpo dos bailarinos parece constantemente tragado pela força invisível da gravidade. Verticalidade e horizontalidade, caos e ordenação, brusquidez e brandura, volume e escassez se contrapõem e se superpõem, em consonância (e, eventualmente, em dissonância) com a trilha musical, desvelando significados, melodias e ritmos que subjazem ao estímulo sonoro, numa impressionante comunhão de cinesia e som, que assume sua forma mais explícita nos momentos em que, sobre a batida primal dos percussionistas do Candeal, os bailarinos do Grupo CORPO produzem com marcações enérgicas de pé outros padrões rítmicos, operando em cena aberta uma nova formulação da fonte sonora original.

A cenografia de Paulo Pederneiras desconstrói a tradicional caixa-preta do teatro, abolindo as coxias e arquitetando um espaço côncavo, urdido com tiras de borracha cor de grafite, quase negro, de 12 cm de largura e 9 metros de altura, que, dispostas lado a lado em desenho curvilíneo, sugerem, a depender da incidência da luz, tanto um recorte do globo terrestre com seus meridianos quanto um oco, um buraco negro, um não-espaço, o nada ou a anterioridade de tudo. E funda, assim, um espaço cênico inovador, que permite que as entradas e saídas de cena dos bailarinos se processem de (e por) qualquer ponto do palco ou dos bastidores do teatro.

Acompanhando a curvatura do cenário e fixados na estrutura metálica que sustenta a fileira de tiras, trinta refletores servem à iluminação da cena por Paulo Pederneiras, que opta exclusivamente pelo branco e suas matizes.

Durante 37 dos 42 minutos do espetáculo, Freusa Zechmeister transforma os bailarinos em uma massa anônima que se funde (e se confunde) com o espaço cênico, permitindo deste modo que coreografia e cenário exerçam plenamente sua tridimensionalidade. No número final, a figurinista “humaniza” cada um dos vinte bailarinos de *ONQOTÔ*, que ganham identidade própria através da combinação variada de peças que aludem ao vestuário casual próprio dos ensaios de dança.

...  
**frente ao infindo  
costas contra o planeta  
já sou a seta  
sem direção  
instintos e sentidos  
extintos  
mas sei-me indo  
e as coisas findas  
muito mais que lindas  
essas ficarão**

(Caetano Veloso)